ANCHIETA E O MAR

POR EL

P. HÉLIO ABRANCHES VIOTTI, S. J.
Doctor en Filosofía por la Universidad Gregoriana.

"Bendito o Senhor que manda ao vento e ao mar e lhe obedecem, para que sirvam aos homens que tão mal obedecem à sua Divina Majestade!"
ANCHIETA: *Cartas Jesuíticas*, III, 231.

"É muito experiente nas coisas da navegação". Tal juizo expendia sôbre Anchieta, em fins de 1583, o Padre Cristóvão de Gouveia, enumerando razões, para que êle, apesar de suas conhecidas enfermidades, fôsse mantido à frente da província da Companhia de Jesus no Brasil. "Por mais pintado" que viesse alguém de Portugal para substitui-lo—acrescentava o visitador—, dificilmente lograria preencher sua falta, quer no tocante à santidade de seu exemplo, quer quanto à eficiência na expedição de certos problemas peculiares ao novo mundo.

Para a visita, por exemplo, às diversas casas da província, distribuídas de Pernambuco à capitania de São Vicente, visita que tão sòmente por mar era possível cometer, se requeriam ordinàriamente três anos—opinava o mesmo visitador. No período de um ano sò, conseguiu todavia o Padre Anchieta efetuá-la, mais de uma vez! E essas frequentes viagens, entrecortadas ocasionalmente de

ameaçadores imprevistos, longe de lhe abaterem as fôrças—assegurava ainda Gouveia—, faziam bem, pelo contrário, à sua saúde combalida [1].

Ilhéu por nascimento, natural de Tenerife, a pérola geográfica do arquipélago das Canárias, estação de refresco para as armadas espanholas que velejavam na derrota das terras recém-devassadas aquém-Atlântico, parece havê-lo destinado a Providência a uma vida de permanente contato com o oceano. Com o espetáculo sempre grandioso de suas vagas, na majestosa serenidade da bonança ou na iracunda violência de suas tempestades, o mar foi para êle, desde a meninice, imagem familiar à fantasia criadora de poeta, fonte de profundos sentimentos de religiosidade.

Menino ainda, por 1548, realizava sua primeira viagem marítima, em demanda da península ibérica, para matricular-se no Colégio das Artes de Coímbra. Cinco anos depois, escolástico aprovado da nova Ordem religiosa, fundada por seu próximo parente Inácio de Loiola, embarcava em Lisboa, rumo ao Brasil. De 8 de maio de 1553 até à chegada ao Salvador a 13 de julho do mesmo ano, foram sessenta e seis dias de navegação particularmente próspera. Descontada ligeira borrasca, ao sair do Tejo, mais alguns ventos contrários a princípio, que fizeram temer uma arribada a Portugal, e ainda uma tempestade passageira no oceano, correu tudo bonançosamente nessa travessia.

Dessa terceira leva dos jesuítas enviados ao Brasil, vanguardas na América do novo exército missionário suscitado por Deus em auxílio de sua Igreja, sómente Anchieta, com certeza, possuia experiência da navegação. Do variado espetáculo que lhe oferecia o Atlântico, com seus cardumes de peixes voadores, as cambalhotas dos golfinhos, as velas brancas das pequenas embarcações que

[1] *ARSI, Lus.* 68, 343-343 v. "*Vir fidelis, prudens et humilis in Christo*—escreve a respeito de Anchieta o visitador— e de todos muito benquisto, sem que haja ninguém que dele tenha queixa; nem achar posso palavra ou ato que tenha praticado mal". Fazia seis anos que presidia à província e continuou a governá-la por mais quatro anos e pouco. Seu sucessor Marçal Beliarte chegou a Pernambuco já muito adiantado o ano de 1587.

navegavam de conserva, pouco se lhe dava. Já que a bondade de Deus parecia restituir-lhe, desde os primeiros dias de viagem, melhores disposições de saúde, "lançou logo mão do fogão e da cozinha e assim da despensa dos Nossos, com que a todos veio servindo" [2].

À altura do arquipélago nativo, divisaria o seu olhar, na direção do Nascente, envolto em farrapos de névoa, coroado pela brancura das neves, o vulcânico pico de Teide, de que outrora tomara o nome a "Insula Nivaria". Nessa ilha, vivia sua piedosa mãe, D.ª Mencia de Clavijo y Llarena, nobre filha de conquistadores das Canárias. Seus numerosos irmãos. Ali perderia nêsse mesmo ano, prematuramente, o pai, D. João de Anchieta, guipuscoano de Urrestilha, fidalgo de origem, a quem sucessivos e honrosos cargos públicos vinham dando merecido relevo na sociedade. Para o Brasil, porém, convergiam agora os seus anelos.

Tendo finalmente pisado a nova terra, não se demorou na Bahia. Sua primeira viagem no Brasil—e seriam dezenas!—foi a que empreendeu ainda em 1553, de princípios de outubro a 24 de dezembro até o porto de São Vicente. Várias vezes interrompida, inclusive por iminente risco de naufrágio. Oito léguas abaixo de Porto Seguro para o Sul, num lugar chamado antigamente pelos índios *Xerimbabo* (coisa medonha), na direção de leste, começam os Abrolhos. Temidos então pelos navegantes, avançam tais recifes de coral mar a dentro umas vinte léguas, entre chapeirões e poços de água, formando algumas ilhas das quais a mais importante é a de Santa Bárbara. Ai, a 21 de novembro, correram perigo de vida.

Não incluindo breves percursos fluviais, travessias menores pela baía de Guanabara ou de Todos os Santos, as frequentes singraduras pelo canal da Bertioga, e costeagens ao longo do litoral espiritossantense, como de Vitória a Reritiba, e sem desdobrar

[2] Quirício Caxa, S. J.: *Breve relação da vida e morte do Padre José de Anchieta* (Lisboa, 1934), 12. V. ainda *Carta* de Brás Lourenço, de 30 de julho de 1553. *ARSI, Bras.* 3 (1), 89 v.-90. Primeira vez publicada (em tradução portuguêsa) em nosso trabalho *A chegada de Anchieta ao Brasil*, "Jornal do Comercio" de 4 e 5 de abril de 1953.

como se poderia o trajeto marítimo entre Bahia e São Vicente, de vez que se demorava em visita, quando provincial, às casas de Porto Seguro, de Vitória e do Rio de Janeiro, são mais de quarenta as suas viagens no Brasil, documentadamente.

A maioria dessas jornadas, das quais vinte no mínimo durante o decênio de seu provincialado (1577-1587), levou-as a cabo na nau *Santa Úrsula,* a fragata da província. O "barco dos Padres da Companhia", no qual, por 1571 e sob a ocasional inspecção do Padre Quirício Caxa, trabalhava, na "fonte do Pereira" na praia do Salvador, o construtor Manuel Faleiro, deve ter sido justamente êsse pequeno, mas esplêndido veleiro, de que indiretamente nos dão informações as mais favoraveis inúmeros fatos da vida de Anchieta [3].

* * *

Quase sempre felizes, por vezes excepcionalmente velozes, foram tais viagens. Uma delas, pelo mês de julho de 1578, deverá ser considerada a primeira regata histórica realizada na América. Simão de Vasconcelos, que a descreve, cita, à margem da 1.ª edição da *Vida do Venerável,* o *Processo Apostólico do Rio de Janeiro* [4]. Trata-se do depoimento de uma testemunha de vista, o vicentino João Monteiro, jovem então de seus dezenove anos de idade, chamado mais tarde a depor naquele processo, a 28 de julho de 1627.

Pretendia o Administrador apostólico do Rio de Janeiro, Bartolomeu Simões Pereira, seis meses depois de empossado na sua prelazia, visitar a capitania de São Vicente. Insistiu com êle o provincial, que para lá também navegava, para que viajasse no navio dos jesuítas. Alegando haver tomado passagem noutra em-

[3] A 24 de agosto de 1591, comparecendo perante o tribunal, constituído na Bahia, durante a primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, aludia Faleiro a êste fato, como se tendo passado, "haverá vinte anos pouco mais ou menos". *Confissões da Bahia* (1935), 68.

[4] *Vida do Venerável Padre José de Anchieta,* 1.ª edição, Lisboa, 1672, 255-256, ou l. IV, c. VIII, n. 2.

barcação, recusou terminantemente o prelado. Nesta, com um dia de antecedência, seguiu também João Monteiro. "E depois—atesta êle—viram passar" ao Padre José de Anchieta... "E chegara à dita capitania de São Vicente em vinte e quatro horas e o dito prelado em cinco dias. Vendo todos isto, que tiveram por milagre, porque o dito padre ia muito depressa e êles devagar"! [5].

Não foram raras, entretanto, as procelas que, em suas inúmeras travessias, houve de arrostar. O que enfrentou tôdas as vezes com a mais serena coragem. "Nos perigos—diz Quirício Caxa—, por grandes que fôssem, nunca se desinquietava, mas sempre se conservava em grande paz e serenidade de ânimo; o qual... lhe nascia também de ter boa consciência, satisfeita e contente, que o não mordia, nem molestava, ainda no tempo da morte presente, quando se mostra mui delicada e nada dissimula" [6].

Perigos do mar e perigos da pirataria! Não se pode esquecer a hecatombe dos Mártires de Taçacorte ou do Brasil, no ano de 1570, e o desastroso revês no ano seguinte da expedição de D. Luis de Vasconcelos. De 1580 para diante, com a passagem de Portugal e suas colônias para o domínio espanhol, vieram os corsários ingleses, depois os holandeses rondar também as costas do Brasil. A êsse último perigo se deve principalmente ter sido Anchieta designado para visitador nas casas do Sul, entre 1592 e 1594, suprindo nisso ao provincial Marçal Beliarte, seu imediato sucessor.

Ainda no século XVIII, ao comentar a viagem de certo licenciado para a Índia, discreteava n'*O Peregrino da América,* o escritor ascético baiano Nuno Marques Pereira: "Só vos digo que me lembra ter lido que, perguntado certo filósofo por qué nunca se quís embarcar, respondeu: por me não fiar de quatro loucos quais

[5] *Processo Apostólico do Rio de Janeiro* (cópia do Arquivo da Postulação das Causas dos Servos de Deus da Companhia de Jesus em Roma), 123. Trata-se do depoimento de João Monteiro, natural da vila de Santos, filho de Antônio Monteiro e de Catarina Ferreira, de idade de 67 para 68 anos. Sôbre as primeiras visitas do Prelado à capitania de São Vicente, v. Mons. Paulo Florêncio da Silveira Camargo: *A Igreja na história de São Paulo,* 86-87.

[6] Q. Caxa, S. J.: *Breve relação,* 24.

são o navio, o mar, o vento e o marinheiro" [7]. Anchieta, êsse confiava no seu navio e nos seus marinheiros. Fiava-se, porém, sobretudo na Providência de Deus: "Bendito o Senhor que manda ao vento e ao mar e lhe obedecem, para que sirvam aos homens que tão mal obedecem à sua Divina Majestade."

Piloto, durante quarenta anos, da nau da provincia foi o Irmão Francisco Dias, substituído mais tarde pelo Irmão Manuel Martins. Francisco Dias, apontado recentemente para figurar como o patrono dos navegantes em nossa terra, nunca padeceu naufrágio. Abaixo de si tinha o mestre da equipagem, por nome João Fernandes, que serviu outros quarenta anos e acabou recebido na Companhia de Jesus, cumprindo assim, diz o documento relativo, uma antiga profecia anchietana [8].

A 28 de maio de 1624 foi a fragata da Companhia apresada à altura do morro de São Paulo, litoral da Bahia, por uma nau holandesa e duas lanchas. Além do provincial Padre Domingos Coelho, que nessa ocasião, receiando o martírio para todos, recebeu na Companhia João Fernandes, iam a bordo mais nove jesuítas, um dos quais o piloto Irmão Manuel Martins, quatro beneditinos e dois franciscanos. Um destes o historiador Frei Vicente do Salvador, que na sua *História do Brasil* narra o sucesso. Compunha-se então a equipagem de uma dezena de marujos [9].

Da série de viagens de Anchieta, devem destacar-se as duas maiores tempestades, cuja descrição possuímos. Da primeira deixou-nos êle próprio um primoroso relato em latim em sua *Epistola quamplurium rerum naturalium* de 1 de maio de 1560. Des-

[7] *Compêndio narrativo do Peregrino da América,* edição da Academia Brasileira de Letras, 1939, I, 279. De Cairu o faz natural Varnhagen, se bem não aponte o documento em que se baseou para isso, *História Geral,* ed. Melhoramentos, IV, 38 e 39. Que seja brasileiro (e baiano) claramente o insinua o censor lusitano da obra, impressa em Lisboa em 1718. A opinião recente que o faz português, emitida embora por Afrânio Peixoto, não passa de uma conjetura. Contemporâneo de Rocha Pita, bem pode como êste, ter cursado o Colégio dos Jesuítas na Bahia, que já dera anteriormente um Antônio Vieira.

[8] *ARSI, Bras.* 8, 534-535. Cf. S. Leite, S. J.: *História,* V, 35 e VII, 254.

[9] Frei Vicente do Salvador: *História do Brasil,* edição de 1918, 531-532.

crição em português se lia na sua *História da Companhia no Brasil e Vida dos Padres Ilustres,* que infelizmente anda extraviada. Refere-se à viagem de 1553 [10].

De Porto Seguro haviam zarpado a 19 de novembro para o Sul, indo lançar ferro à noitinha nas proximidades dos Abrolhos. No dia 20 vão navegando dificultosamente por entre aquêles baixios, usando a sonda, o que não impediu um encalhe, seguido de borrasca, que os arrastou por cima dos parceis. À tarde puderam ancorar em um pego, acreditando haver passado o perigo.

Eis senão quando pela 1 hora da madrugada do dia 21 rebenta violentíssima tempestade. Abatidos os mastros, alagado o navio, desgarrado o batel, a esperança se concentrava tôda na amarra, quando ésta se rompe. Sacudidos e arrebatados furiosamente pelo vento sul, esgueiram-se como por milagre por entre aquêles cachopos. Serenada a tormenta já pela manhã, vão ter nêsse mesmo dia da Apresentação de Nossa Senhora ao rio das Caravelas, ai permanecendo nove dias enquanto se repara o navio.

Pelo dia 16 de julho de 1585 suspendia do Rio de Janeiro para a Bahia a fragata *Santa Úrsula.* Com o visitador Padre Cristóvão de Gouveia, viajava o provincial Padre José de Anchieta, o reitor do Colégio do Rio Padre Inácio Tolosa, o sócio do visitador Padre Fernão Cardim e vários irmãos, entre êles Pero Leitão, que terminara seu tempo de magistério no mesmo Colégio. A 22 de julho, pela altura do Cabo Frio, esteve à morte o Padre Tolosa, curado repentinamente com a discreta intervenção de Anchieta. Fernão Cardim é quem na sua *Narrativa Epistolar,* fornece sucinta informação acêrca dos sucessos desta navegação, que durou trinta e dois dias [11].

10 *ARSI, Bras.* 3 (1), 95, 89-92. Tradução portuguêsa em *Cartas Jesuíticas,* III, 108-110. Para a descrição que faz dessa "mesma tormenta e naufrágio", na *Vida do Venerável,* fundamenta-se Vasconcelos nos *Apontamentos,* citando à margem (1.ª edição): "Joseph *in manuscriptis*", pág. 43. Outra descrição ainda se lê em *Carta* de Brás Lourenço, de 26 de março de 1554, que publicamos no "Jornal do Brasil" de 18 e 25 de julho de 1953.

11 Fernão Cardim, S. J.: *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (1925), 359-360.

A respeito, porém, do perigo de naufrágio e circunstâncias particulares do caso, foi o testemunho do Irmão Pero Leitão, dos mais íntimos confidentes de Anchieta, que serviu sobretudo aos seus biógrafos. Testemunho magníficamente confirmado, quanto às principais circunstâncias, pelo depoimento de um dos passageiros de bordo, o secular João Botelho, chamado a depor no Processo Apostólico do Rio de Janeiro a 19 de junho de 1627 [12].

Por três dias e três noites contínuas o temporal desfeito, que os surprendera à entrada da barra da baía de Todos os Santos, os arrastou para o Norte. Abandonado, ao cabo de inauditos esforços da tripulação, o navio à sua sorte, davam-se todos por perdidos. Só Anchieta não esmorecia. No chapitel do veleiro, agarrado às cordas, permaneceu todo êsse tempo, quase sempre de joelhos, entregue à oração. Haviam atingido proximidades da foz do Vasa Barris.

Ameaçava agora a tormenta arrojá-los contra os recifes da costa... "Bendito sea Diós—exclamava Inácio Tolosa—, que se escapamos de la mar, no escaparemos de la tierra!" Aludia aos gentios da região que, em guerra contra os Portugueses, não deixariam de banquetea-los. A Pero Leitão que o buscava para confessar-se, declarou entretanto Anchieta que não naufragariam. Querendo o irmão levar imediatamente alvíçaras aos padres, que debaixo da coberta se aprestavam para a morte, proibiu severamente que o fizesse: "Deixai. Não vades. Qué se perde em chamarem a Deus?" [13].

No decurso dessas navegações, interveio mais de uma vez para orientar pessoalmente o piloto. Assim, por exemplo, durante certa

[12] Q. Caxa, S. J.: *Breve relação,* 27; Pero Rodrigues, S. J.: *Vida do Padre José,* em "Anais da Bibl. Nac.", XXIX, 276-277; S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável,* l. IV, c. XIV, n. 3. Para se identificar quem é o religioso citado por tais autores, v. o ms. da Universidade Gregoriana (*APUG,* 1067, 67), ou o testemunho do Padre Manuel Tenreiro, S. J., no *Processo Apostólico de Lisboa,* 16-16 v. Quem nos fornece, para o navio da provincia, o nome de "Santa Úrsula" é o depoimento de João Botelho, no *Processo Apostólico do Rio de Janeiro,* 72 v.

[13] Com levíssima diferença são exatamente essas as palavras que se leem, quer em Pero Rodrigues, quer em Quirício Caxa, lugares acima citados.

borrascosa cerração, que dificultava perigosamente a entrada do navio da província no porto do Rio de Janeiro. Assim igualmente noutra viagem, saindo desse porto para montar o Cabo Frio, em seguida junto à ilha da Âncora, onde fundearam, logrando evitar a consequência de vertiginoso vendaval, que inesperadamente irrompeu, contra o parecer dos experimentados mareantes.

O episódio, que Simão de Vasconcelos insere erradamente na jornada de 1585, pertence quase certamente a outra anterior. Pero Rodrigues, que também o refere, fundamenta-se no testemunho de Lopo Fernandes, provàvelmente o antigo e rico senhor de engenho do rio Paraguaçu [14], para inculcar que em tais casos agia um poder sobrenatural, através da santidade do Apóstolo do Brasil [15].

Francisco Dias, que por duas vezes, em 1620 e em 1627, deu testemunho nos Processos para a beatificação de Anchieta no Rio de Janeiro, conta por sua vez o seguinte: "E eu vi que, vindo o dito padre da Bahia para a capitania do Espírito Santo no navio em que eu vinha, estando para entrar no porto, dissera o dito padre que não gastassem muita água, que ainda tinham necessidade dela, acontecendo assim, dando logo um tempo que se fizeram na volta do mar, onde andaram cinco dias mais" [16].

---

[14] Gabriel Soares de Sousa: *Tratado descritivo do Brasil,* apud "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (RIHGB), XIV, 142.

[15] P. Rodrigues, S. J.: *Vida do Padre José,* "Anais", XXIX, 256. Para quem os conhece, não é possível, tal o volume dos testemunhos e o valor da maior parte deles, despojar a pessoa do Padre Anchieta do merecido título de "Taumaturgo do Novo Mundo". No *De procuranda Indorum salute* (Salamanca, 1589), o contemporâneo de Anchieta, missionário também no Peru e no México, notável precursor da missionologia moderna, Padre José de Acosta, S. J., aponta como "facilis et certa via ad conversionem gentium harum", o melhor caminho para a conversão dos indígenas americanos, "vitae innocentia, praesertim signorum splendore decorata", a santidade da vida, acompanhada da rutilância dos milagres. E argumenta: "quid ergo? Cur putamus Excelsi dexteram se continere, neque, quod facillime potest, gratia miraculorum tot populos ad fidem trahere"? Por que haveríamos de impor limites ao braço do Todo-poderoso, para que não fizesse milagres em favor da conversão da raça americana? *Op. cit.,* l. II, c. 9, pp. 115-116 (edição de Lião, 1669).

[16] *Processo informativo do Rio de Janeiro,* ano de 1620. Cópia do Ar-

Parece tratar-se do mesmo sucesso de que testifica Diogo Ferreira, no Processo Informativo do Rio, em que se relaciona o episódio à vinda de um excomungado a bordo, que furtara na Bahia um livro dos *Milagres de Nossa Senhora de Monserrate* ao governador D. Francisco de Sousa. Isto se passava no ano de 1592 [17].

* * *

Nos seus últimos anos de vida, ninguém conhecia melhor do que Anchieta o litoral brasileiro, de Itamaracá a Itanhaém. Um trecho sobretudo se lhe tornara, por assim dizer trivial. O que vai do Rio a São Vicente. Suas formosas enseadas, franjadas de alvíssimas praias, emolduradas em altitudes diversas pela crista verdejante da Serra do Mar, que ora recua em anfiteatros, ora estende os seus tentáculos de pedra, em promontórios e ilhas que rebentam da superfície das águas—bem mais de vinte vezes percorrera êle em ambos os sentidos êsse roteiro encantador.

Bertioga, São Sebastião, Iperui (a hodierna Ubatuba), Cairuçu, Ilha Grande, qué saudosas lembranças dos tempos heróicos da infância do Brasil! Com as graças da natureza, tudo isso lhe recordava, a cada momento, as maravilhas ainda maiores da divina graça! Antes de mais nada a eloquência de Iperui...

Passeando por aquela praia, compusera o *De Beata Virgine Dei Matre Maria.* Exatamente nesses têrmos relatou êle ao companheiro de tantas jornadas, Pero Leitão, a história do Poema da Virgem. Sem omitir o dever da catequese, repartira ali as horas do exílio entre a composição do carme virginal e as negociações da paz com os Tamoios da costa e do vale do Paraíba. Mais do que a simples benevolência, conquistara assim a verdadeira amizade dos morubixabas fronteiros Pindobuçu e Cunhambeba. Nêsse

---

quivo da Postulação das Causas dos Servos de Deus da Companhia de Jesus em Roma, 19 v.

17 *Proc. inf. do R. de J.*, 57 v.-58. Êsse excomungado, absolvido então por Anchieta, era o toscano Francisco Feo. O episódio vem referido por Pero Rodrigues, S. J. ("Anais", XXIX, 275), e Simão de Vasconcelos (l. IV, c. VI, n. 6).

clima, pôde êle consagrar-se, de 14 de julho a 14 de setembro principalmente, a traduzir em versos elegíacos as inspirações de sua alma contemplativa.

Na igara de Cunhambeba retornara por fim a São Vicente. Foram sete dias de canoagem, bordejando as reintrâncias do litoral, para percorrer as vinte e seis léguas que o separavam de São Vicente. No fim da jornada, antes de chegarem a Bertioga lhes deu uma tormenta tão rija, que nunca o irmão, "como êle dizia" —nota expressamente Quirício Caxa—, se viu tão perto da morte. Desembarcou assim meia légua antes de atingir a Bertioga, seguindo no dia seguinte pela praia com dois ou três índios, enquanto os demais prosseguiam remando até aquela fortaleza [18].

Costeando êsse mesmo trecho até a Guanabara, acompanhou dois anos depois a expedição de Estácio de Sá, para a conquista do Rio de Janeiro. Já não existia ali a constante ameaça dos Tamoios fronteiros, por êle pacificados. Com os cinco navios menores e nove canoas de guerra, que transportavam a leva dos colonos, mamelucos e índios de São Vicente, ou recrutados anteriormente no Espírito Santo, seguiram Anchieta e Gonçalo de Oliveira. Tendo partido a esquadrilha a 27 de janeiro da barra da Bertioga, só a 1 de março desembarcavam no sopé do Pão de Assucar. Para impedir que, com as delongas da viagem, interrompida a cada passo, a fome, a sêde, as intempéries, desertasse o reforço vicentino, depois os índios de Araribóia, valeu mais do que nada o influxo moral de Anchieta [19].

Para essa espécie de navegação de cabotagem em embarcações a remo ou de pequeno porte constituia temeroso obstáculo o pro-

---

[18] Q. Caxa, S. J.: *Breve relação;* S. de Vasconcelos, *Vida do Venerável,* l. II, c. IX, n. 3. A melhor informação é a que dá o próprio Anchieta em sua carta de 8 de janeiro de 1565. *Cartas Jes.,* III, 232-233. Na biografia escrita por Antônio de Alcântara Machado, nesse mesmo volume, engana-se o autor quanto ao lugar do desembarque e ao trajeto por terra feito por Anchieta.

[19] Pero Rodrigues, S. J.: "Anais", XXIX, 212-213; S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável,* l. II, c. XI, n. 1-2. Fonte original, a carta de Anchieta: *Cartas Jesuíticas,* III, 246-249.

montório de Cairuçu. "O focinho ou a tromba deste promontório é muito trabalhoso de passar, porque sempre está enfadado e colérico, por não achar no discurso de todo êle [o mar] mais que rochas vivas e talhadas a prumo para se espraiar, as quais resistindo e repulsando os seus combates, ... se enfurece com suas encrespadas ondas tanto, que parece chegar ao céu com elas, com que as canoas e lanchas que o passam, lhes é muito necessário segurar o tempo, e assim buscam a madrugada, em que reinam os ventos terrais que abrandam o mar" [20].

Indo de São Vicente para o Rio, aportou Anchieta nessa paragem encostada ao Cairuçu. "E ali mandara alevantar altar para dizer missa, como de efeito a disse", depôs a 19 de julho de 1627 no Rio de Janeiro Antônio Fernandes Góis, que lhe fôra companheiro nessa mesma viagem. A propósito desse acidenté geográfico, de que faz também ligeira descrição, narrando sua viagem de 1610, lembra o Padre Jácome Monteiro: "O Padre santo José, quando queria explicar a dificuldade de algum negócio [costumava dizer]: "é mais trabalhoso de efetuar do que o Caruçu (sic) de dobrar". E termina sentenciosamente: "enfim é o Cabo de Boa Esperança deste Brasil" [21].

Através do canal da Bertioga, cujo rude esplendor natural das eras quinhentistas parece conservar-se até hoje intacto, trafegou Anchieta inúmeras vezes, mormente no decênio de 1567 a 1577, em que foi superior das casas da Companhia em São Vicente. Para atender com o seu ministério à população das fortalezas da barra, ou desde 1574 para diante para catequese dos Maromomis ou Guaianases, descidos para o mar, catequese de que encarregou então o Padre Manuel Viegas, seu discípulo de Piratininga.

Ali, junto à barra, se verificou, a 25 de julho de 1567 o episódio da baleia que por um triz não despedaçava, de um golpe com a cauda, o batel em que desciam a terra Anchieta, Grã, Nóbrega e

20 Frei Agostinho de Santa Maria: *Santuário Mariano,* X, 107.

21 Jácome Monteiro, S. J.: *Relação da provincia do Brasil,* apud S. Leite, S. J.: *História,* VII, 397. Depoimento de Fernandes Góis, no *Proc. Apost. do R. de J.,* 110.

Inácio de Azevedo... Até ali acompanhara a expedição militar comandada por Jerônimo Leitão, destinada a engrossar as fôrças, com que o governador Antônio de Salema debelou em 1575 os Tamoios do Cabo Frio. Após alguns dias de agitação, aplacara o mar sua braveza com a bênção de Anchieta, permitindo a partida dos expedicionários, refere um deles, Baltasar Conçalves, depondo a 9 de dezembro de 1627, no Processo Apostólico de São Paulo [22].

Se damos fé ao depoimento de testemunhas de vista (que o juraram nos Processos), por duas vezes, a uma ordem sua, em horas da mais ardente calmaria, um bando de guarás, espalmando as asas, se pôs a sobrevoar durante bastante tempo a desguarnecida canoa, em que êle viajava, produzindo a sombra anciosamente apetecida pelos companheiros, abrazados de calor. Singrando êsse mesmo canal em companhia de Leonardo do Vale, declara um dos companheiros, Belchior Ferreira. Anchieta se teria dirigido primeiro às aves, falando-lhes na língua tupi: "eropita de boiaim orebo". E ao despedi-las: "pe quaim pe çuape". Segunda vez, na baía de Guanabara, conforme depoimento dado por três vezes pelo companheiro, Irmão Pero Leitão [23].

A pé e descalço, palmilhou um sem número de vezes as duríssimas areias da "Praia de Nossa Senhora", atual Praia Grande, que leva ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém. De quantos prodígios da catequese cristã e graciosos milagres com os peixes e as aves, não foi essa região privilegiada para êle o maravilhoso teatro! Ai possuia, conforme sua expressão, para o tesouro das almas, suas ricas minas de Potosi. Recordem-se os batismos do velho Piririá-ubi em Itanhaém, e o do velhíssimo Adão, índio da contracosta, misteriosamente ali vindo a morrer

22 *Processo Apostólico de São Paulo,* 54. Ao dar seu testemunho, a 9 de dezembro de 1627, contava Baltasar Gonçalves 87 anos de idade. Outro depoimento nesse mesmo *Processo,* com referência à expedição ao Cabo Frio é o de Maria Castanha de Almeida, cujo esposo recebeu em tal oportunidade um relicário de marfim, que lhe doou Anchieta. *Ibidem,* 43-43 v.

23 *Processo Apostólico do Rio de Janeiro,* 28. Pero Rodrigues, S. J.: *Vida do Padre José, APUG,* n. 1067, 67, ou "Anais", XXIX, 282.

batisado, após haver observado sem quebra durante a vida a lei natural [24].

Além dessa praia da capitania de São Vicente, muitas outras no litoral do Brasil, na Bahia, em Porto Seguro e especialmente na Capitania do Espírito Santo, experimentaram, quiçá com menor frequência, os passos ligeiros do Apóstolo do Brasil. Famosa é a narrativa de Fernão Cardim, que o põe, em companhia do visitador Gouveia, de volta do Santuário de Nossa Senhora da Ajuda pelo dia 24 de setembro de 1583, "vindo encalmados pela praia". "Vinha (o Padre José) de trás com as abas na cinta, descalço, bem cansado. É êste padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de tôda a perfeição, desprezador de si e do mundo, uma coluna grande desta província. E tem feito grande cristandade e conservado grande exemplo. De ordinário anda a pé, nem há tirá-lo de andar, sendo muito enfermo. Enfim sua vida é *vere apostolica*" [25].

* * *

Junto ao mar localizaram habitualmente os jesuítas as povoações de catecúmenos, descidos do sertão. E foram muitos milhares no último quartel do século XVI. Movimento estimulado sobretudo por Anchieta, quer como provincial, quer como visitador ou superior na capitania do Espírito Santo. Razão principal para isso era a facilidade de encontrarem os índios, numa ocupação condizente com os pendores próprios de seu estado de civilização, a indispensável provisão alimentar, que o mar lhes podia oferecer. A pesca foi assim uma de suas fainas prediletas...

Anchieta muitas vezes pessoalmente a favoreceu. Explicitando as entrelinhas, leiamos, por exemplo, esta página, arrancada por assim dizer ao natural por seu biógrafo Pero Rodrigues:

—"Como está tão calada e triste esta aldeia", exclama o Padre

24 Depoimento do Padre João Fernandes Gato, S. J.: *RIHGB*, 222, 341. P. Rodrigues, S. J.: *APUG*, n. 1067, 42 v., ou "Anais", XXIX, 282; S. de Vasconcelos, l. III, c. VII, nn. 3-4.

25 Fernão Cardim, S. J.: *Tratados da terra e gente do Brasil*, 298.

José, ao chegar em visita à aldeia do Espírito Santo, hoje vila de Abrantes na Bahia.

—"Porque não há que comer", lhe respondem os índios.

—"Vamos todos à praia a buscá-lo", retruca o Padre José.

—"Mas não é conjunção de tempo nem de maré", lhe dizem os caboclos taciturnos.

—"Vamos todos e não fique ninguém", insiste o Pajéguassu, "porque todos voltarão contentes".

Tôda a aldeia o seguiu para a praia, distante dêsse local uns quinze quilômetros. À vista, porém, da maré montante, exclamam os índios desolados:

—"Vêde, Padre, que não é conjunção para pescar".

—"Que peixes quereis tomar"?, interrompe Anchieta. E êles zombando:

—"Guarámirim". Que são uns xareus pequenos, pouco mais de um palmo e que não se veem naquele tempo naquela praia, nota Pero Rodrigues.

Aponta o missionário então um lugar, quase a um quarto de légua donde estavam: "Ide pescar naquele ponto". Vão os índios e pescam a fartar. A tristeza da vinda se converteu na volta em festival [26].

Não nos parece estar lendo uma página do Evangelho, em que as margens do mar de Tiberíades se tivessem transportado, com êsse *alter Christus,* para as praias americanas? Episódios do mesmo gênero são igualmente relatados por outros...

"Um dia—conta Pero Leitão, depondo no Processo Informativo da Bahia, em 1619—, faltando o peixe neste Colégio, nos anos de 1579 ou 1580, por quanto a testemunha se lembra, regressando do mar os pescadores com as redes sem ter pescado nada, pela manhã desse dia o Padre José, tendo chamado o mestre das redes, o conduziu a uma janela do Colégio, da qual lhe mostrou um lugar dentro do porto de Pirajá, distante do Colégio uma légua ou pouco mais, dizendo que fôsse até lá e lançasse a rede uma vez só, enchesse

[26] Pero Rodrigues, S. J.: "Anais", XXIX, 253-254.

a barca de peixes e tornasse imediatamente. E replicando o mestre que não era conjunção para pescar por causa da maré, o Padre José lhe respondeu:

—"Vá e faça o que eu lhe digo, e volte logo".

E obedecendo o pescador, sucedeu-lhe tudo como o Padre lhe havia dito, regressando logo ao Colégio com a barca repleta de peixes. O que a testemunha sabe, porque esteve presente a tudo"... [27].

Tais cenas se reproduziram nos mais diversos lugares. Ainda hoje aponta a tradição, não longe de Itanhaém, o conhecido pesqueiro de pedras, que a seu mandado ali foi construído em favor dos indígenas da região. Mas foi nas aldeias do Espírito Santo, em Reritiba sobretudo, que essa intervenção do Taumaturgo do Novo Mundo, lhe mereceu da parte dos selvícolas brasileiros o título de "senhor das pescas", ou como diríamos hoje "patrono dos pescadores". Ei-lo auxiliando numa aldeia, provàvelmente a de São Barnabé na baixada fluminense, a lançar ao rio a canoa, que por serem poucos não conseguiam os índios mover de seu lugar. "Índios civilizados ou seus descendentes", habitantes das povoações do litoral, os "caiçaras" de hoje não deveriam esquecê-lo! [28].

Mas de todos os fatos relacionados com essa ocupação, nada mais sugestivo do que a chamada "pescaria milagrosa de Maricá", no ano de 1583. Desde março do ano anterior se encontrava o provincial no Rio de Janeiro. Com a longa permanência da esquadra de Diogo Flores Valdês em 1582 e novamente, à volta do estreito, em 1583, escasseavam os víveres na cidade. Visando armazenar uma reserva de pescado, promoveu o Colégio uma pescaria em grande escala nas piscosas águas da lagoa de Maricá. Com escravos do Colégio, iam também alguns índios da aldeia de São Barnabé. Para lhes orientar a tarefa, foi designado o Irmão Pero Leitão, que,

[27] *Processo informativo da Bahia,* 63 v. Traduzimos do *Summarium,* Romae, 1733, n. 30, 201-203. P. Rodrigues, S. J.: "Anais", XXIX, 252; S. de Vasconcelos, l. IV, c. III, n. 10.

[28] César Augusto Marques: *Dicionário Histórico, Geográfico e Estatístico do Espírito Santo,* Rio, 1878, 4, col. 2.ª

entre outros ofícios, parece ter sido auxiliar do ecônomo daquela casa.

Para lá celebrar a missa e poder dedicar-se com mais desafogo à contemplação, seguiu também o Padre Anchieta, já desembaraçado de outras ocupações. De caminho, esteve algum tempo com essa comitiva o Padre João Lobato, missionário naquela aldeia, que testemunhou, e testificará mais tarde, um dos episódios dessa expedição. O depoimento fundamental, porém, de que se serviram Quirício Caxa, Pero Rodrigues, mais tarde Simão de Vasconcelos, é o do Padre Pero Leitão, por sinal três vezes dado, a primeira em 1598, para a primeira notícia biográfica; segunda vez em 1604, perante o provincial Cardim e outros padres graves; finalmente, perante a autoridade eclesiástica, no Processo Informativo da Baía [29].

Após a missa dita pela madrugada e antes de começar a tarefa diária, perguntava Anchieta aos pescadores qué casta de peixes desejavam. Conforme a resposta os encaminhava a diferentes pontos da lagoa. Depositado por fim o copioso resultado da pesca, na restinga entre a lagoa e o mar, principiava o demorado e penoso serviço da salga dos peixes. Gaivotas, alcatrazes, corvos marinhos, grasnindo e esvoaçando em tôrno, acudiam vorazes a disputar a presa. Impacientados, rogam os índios ao Padre José que ponha cobro a tamanha importunidade. Falando-lhes na lingua tupi, lhes teria então proibido Anchieta que continuassem molestando. No fim receberiam o seu quinhão... "Dali por diante não enfadaram mais" [30].

Um belo dia, concluida a faina diária, o padre não aparecia. Desde três para quatro horas ninguém mais o vira. Afanosamente

---

[29] Depoimento do Padre João Lobato, S. J., a 2 de agosto de 1627, *Proc. Apost. do R. de J.*, 128. Q. Caxa, S. J.: *Breve relação,* 25 e 27-28; P. Rodrigues, S. J.: "Anais", XXIX, 253, 254, 282-284. "Em ambos êstes casos—diz Rodrigues (282)—foi companheiro do Padre José o Padre Pero Leitão". S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável,* l. IV, cc. XII e XIII.

[30] P. Rodrigues, S. J.: *Vida do Padre José, APUG,* n.º 1067, 67, ou "Anais", XXIX, 282.

se pôs o companheiro a buscá-lo por tôda a parte. Conduzido afinal pelas pegadas impressas na areia, foi dar com êste maravilhoso espectáculo...: avassalando a praia, numa estensão de seus quinze metros, deixara a preamar em seco um círculo, em cujo centro permanecia imóvel o Padre José de Anchieta; em seco igualmente ficara uma larga passagem até êle; rodeado assim quase totalmente pela muralha das ondas marulhantes ali estava êle, assentado, os braços cruzados sôbre o peito, absorto, olhos postos no céu...

Debalde tentou o irmão despertá-lo de longe, aos gritos e provocando o ruído que pôde. Não restando outro meio, encheu-se de coragem, penetrou pelo boqueirão a dentro e, sacudindo-o, fê-lo voltar à realidade: "Padre, vamo-nos, que é tarde". Erguendo-se, veio saindo calmamente, enquanto o mar, reconquistando os seus direitos, reocupava ao mesmo tempo o espaço, que até aí respeitara vazio. Sentindo a vaga a lhe rolar sôbre os calcanhares, Pero Leitão, que vinha detrás, precipitou-se para a frente.

—*Modicae fidei, quare dubitasti?*—teria exclamado Anchieta: tão exígua é a vossa fé, para que assim duvideis? "Não sabeis que o mar e o vento obedecem a Deus?"—*quia venti et mare obediunt ei?* [31]. Era o eco, agora bem mais poderoso, das palavras que escrevera cêrca de trinta anos antes: "Bendito o Senhor que manda ao vento e ao mar e lhe obedecem, para que sirvam aos homens que tão mal obedecem à sua Divina Majestade!"

* * *

A grande experiência das coisas do mar, que o visitador Cristóvão de Gouveia assinalava no provincial do Brasil, se deduz facilmente, não apenas das vicissitudes de sua vida em contato per-

[31] O texto latino de São Mateus, c. 14, v. 31 vem citado expressamente por Antônio Ribeiro, no *Proc. Apost. de Lisboa,* 14. As palavras de Anchieta correspondentes ao texto que citamos de São Mateus, c. 8, v. 27, estão em português, reproduzidas, conforme o depoimento de Pero Leitão, na *Vida do Padre José, APUG,* n. 1067, 69 v. ou "Anais", XXIX, 284.

manente com o oceano, mas também dos seus numerosos escritos, já que nêle se verificam pouco menos que inseparáveis o homem de ação e o homem de letras. Nas suas composições poéticas sobretudo, se podem recolher essas outras provas do que até aqui viemos comprovando através dos fatos. A feição maravilhosa, de que alguns se revestem, não suprime êsses fatos.

Folheemos antes de mais nada o *De Gestis Mendi de Sáa,* o poema até agora inédito dos *Feitos de Men de Sá* [32]. Eis, por exemplo, a viva exposição que aí faz de uma tempestade. Aquela em que naufragou nas costas de Alagoas, em meiados de junho de 1556, o primeiro Bispo do Salvador, D. Pedro Fernandes Sardinha, logo depois devorado pelos selvagens Caetés:

"Era o tempo em que, ao sôpro do Sul, o nauta abandona
as praias brasílicas em direção dos reinos que jazem
sob o Boieiro que guia o seu carro de estrelas. O Bispo,
com inúmeros cidadãos, embarcou mar em fora
da cidade do Salvador, rumo ao litoral das Espanhas.
Os ventos propícios enchiam o bojo das velas
e alisavam o oceano como um afago celeste
às naus que sulcavam as ondas do mar espumoso.
De repente trovões começam de ouvir-se rolando
na amplidão do céu, medonhos relâmpagos chispam
do embate das nuvens e as alturas se desfazem em raios.
O vento leste se atira torcendo em vórtice as ondas
e sacode em turbilhões horrendos o mar tenebroso,
que se enfurece ao peso da borrasca, ergue em montanha
as águas turvadas e as lança raivoso às alturas.
Tudo é confusão: range ao embate das ondas inchadas
a nau que os ventos fustigam com as cordas da chuva.
O piloto já brada do alto da popa: "Marujos,
recolher velas depressa! Soltar as enxarcias...
sopra o Leste, depressa!" Ergue-se a grita da gente,
precipitam-se todos à uma a soltar as amarras,
e sobem velozes aos mastros e recolhem as velas

32 *De gestis Mendi de Sàa.* Citaremos: *DGMDS. Data venia,* servir-nos-emos da tradução portuguêsa do Padre Armando Cardoso, S. J. O poema está, atualmente, para entrar em impressão.

e abatem as vêrgas. Tudo ferve em tumulto feroz:
o terror se abate sôbre todos e a todos agita.
Entra o medo, tremem de horror e o espetro da morte
se agarra teimoso aos olhos espavoridos da gente.
Do alto da popa lança-se então a âncora para
firmar com o dente férreo a nau: última luz de esperança!
Mas uma onda em montanha se quebra contra o costado,
arranca das mãos a corda e arroja a nau às alturas.
A tempestade horrenda em rugidos imensos se assanha
cada vez mais contra o mar e escorada nos ventos
revolve e arroja, montanhas de água espumosa.
Próximas estão já as praias da bárbara terra
onde o índio feroz habita em inacessiveis florestas
ocas escuras que ressumam densa fumaça" [33].

No mesmo poema se lê mais de uma descrição, cheia de realismo, de expedições marítimas, cuja partida, marcha e ancoragem por assim dizer contemplamos. Aqui vai, para exemplo, a de Fernão de Sá em socorro da capitania do Espírito Santo, assediada pelos Tamoios em 1558:

"De pronto ergue âncoras a marujada valente
e em voz cadenciada puxa as amarras que vai recolhendo
em círculos. Volta proas à vaga a marulhar mar em fora,
desdobra dos altos mastros o cândido linho,
enquanto o vento, bojando as velas, as cordas estira.
O Norte se abate sôbre o mar, o casco impelindo
e abaùlando as velas: voa a lisa proa, cortando
o pego espumante, roçando apenas o dorso das ondas.
Ora aqui, ora além fundeia nos litorais rumorosos.
Só se abranda o ronco do oceano enraivado,
quando a Ursa Maior o bafeja com ventos propícios
e a nau, vencidas muitas milhas, ferra os diversos
portos dos cristãos" [34].

Soberba, sob todos os aspectos, é a épica narrativa da "Batalha dos nadadores", travada no ano de 1559, entre os índios cristãos

[33] *DGMDS*, vv. 2120-2155.
[34] *DGMDS*, vv. 281-293.

das tropas de Men de Sá e os Tupinambás, que haviam, com seus assaltos, reduzido ao último extremo a capitania dos Ilhéus. Desbaratados, graças principalmente à superioridade das armas, os selvagens inimigos, num último recontro junto à orla do oceano...

"Alguns em corrida ligeira
atiraram-se às ondas e através das vagas bravias
deslisavam velozes e a poder de rudes braçadas
venciam enormes espaços do mar agitado:
era a última e fugaz esperança dos infelizes.

... ...

Os brasis que seguiam a bandeira de Cristo
e as armas do Chefe, atiram-se às ondas de um salto
e sem perda de tempo cortam as vagas como golfinhos,
quando pelas sendas do mar vão no encalço dos peixes.
Clava na mão esquerda com a direita no corte das ondas,
com os pés por remos, sulcam as planícies encapeladas
do vasto abismo, e caem sôbre o inimigo que foge.
Voa das ondas fendidas a espuma, ao sôpro do vento,
já se aferram aos malparados fugitivos e travam combates
horrendos e entre as ondas bravas vibram golpes ferozes.
Já se erguem nos altos cabeços das ondas
do mar indignado, já desaparecem nos seios profundos
da vaga que se abre, redobrando sem cessar os seus golpes" [35].

Para completar a narrativa, segue-se o paralelo entre essa batalha e os tremendos combates nos quais, em uma época especial, se engalfinhavam àquêle tempo as baleias, nas enseadas do nosso litoral. E rematando a composição literária, a exaltação da impávida bravura dos brasilíndios.

Passando agora ao *De Beata Virgine Dei Matre Maria,* composto em 1563, nas circunstâncias atrás relembradas, eis como, sob a figura de "O Senhor do Mar", resume êle aí, à volta de Jesus do Egito para a Palestina, a vida pública do Redentor:

---

[35] *DGMDS,* vv. 1526-1545.

"Então o mar o verá efetuar novos milagres
e ao império de sua voz o Onipotente
acalmará o furor de suas vagas.
Ao despontar na praia como um sol,
o mar oferece aos pescadores pesca imensa.
Os vagalhões conhecerão os pés de seu Senhor
e se lhe postrarão em sólida estrada reverentes."

Tomando por base o "signo de Jonas", assim traduz a seguir, mediante imagem pedida ao oceano, a morte e a ressurreição de Cristo:

"Um dia o Norte acumulará enraivecido
ondas de ódio
e a tempestade submergirá a face Divinal.
A morte cruel o arrastará ao alto mar
e um monstro o engulirá em suas fauces.
Até que o abismo aplaque as suas fúrias
e o mármore das ondas se afaste respeitoso,
e o monstro vomite sôbre a praia o novo Jonas,
para nunca mais beber águas de morte" [36].

Não podiam faltar, evidentemente, êsses mesmos tropos, sob as mais variadas formas, aplicados no Poema da Virgem à glorificação ou invocação da Santíssima Virgem Maria. Ora ela é o "Mar imenso", que abriga no selo desde os pequeninos até os enormes seres marinhos: justos e pecadores [37]. Ora, a "Nau":

"Tu és a nau
que nenhuma vaga do oceano arrasta,
que nenhum turbilhão dos ares despedaça,
Em teu convés perfaz o navegante
tranquila derrota
e pisa com alvoroço o litoral da pátria" [38].

---

36 *De Beata Virgine Dei Matre Maria*. Citaremos: *DBVDMM*, vv. 3861-3874.
37 *DBVDMM*, vv. 433-438.
38 *DBVDMM*, vv. 439-442.

Ora, o "Porto":

"Tu és o porto tranquilo,
a enseada segura dos navios,
batidos pela fúria do mar enlouquecido.
Eis que a minha barquinha,
a braços com medonha tempestade,
a ti se acolhe já ao pôr do sol,
com o remeiro alquebrado.
Agora que o mármore do mar se eriça contra os ventos,
estende-me tua mão, Virgem bondosa,
para que não pereça" [39].

Acima de tudo é a "Protetora dos Navegantes":

"Se o mar revolto por hórrida procela, ameaça
tragar nas ondas a vida ao marinheiro,
tu alisas o mármore das águas,
abrandando os ventos,
qual mansa brisa soprando em mar tranquilo" [40].

Essa proteção, não cessa Anchieta de invocá-la:

"Orla do mar,
seguro porto às naus avariadas,
acolhe-me, que me engole o mar encapelado!" [41].

Para não omitir nesta resenha suas *Poesias* líricas e dramáticas, trasladamos para aqui êstes dois exemplos. O primeiro um trecho da famosa *Pregação Universal,* recolhido por Simão de Vasconcelos na *Vida do Venerável.* A vida humana, na alegoria que vem dos recuados tempos da cultura clássica, comparada a uma travessia marítima, dá ensejo ao poeta para esta graciosa alusão a uma personagem seguramente fictícia, mas que devia figurar a vida de não poucos moradores de São Vicente:

---

39 *DBVDMM,* vv. 449-454.
40 *DBVDMM,* vv. 2153-2156.
41 *DBVDMM,* vv. 5759-5760.

"A viagem está acabada,
a nau vai se alagando,
e desta vida em que ando,
por tantas causas errada,
meus dias já não são nada,
pois peco por tantas vias.
Triste de Francisco Dias!
Não lhe sinto salvação,
se vós, Mãe da Conceição,
não pagais as avarias!" [42].

No *Auto da Visitação de Santa Isabel,* derradeira composição poética de Anchieta, escrita pouco antes de sua morte, lemos ainda estas duas estrofes. Diz assim o primeiro companheiro do castelhano, que empreendera sua romaria ao santuário de Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia de Vila Velha:

"Nosotros, con vos iremos
a ver la madre-doncella,
y el "Ave, do mar estrela"!
de rodillas le diremos,
para haber mercedes de ella."

Ao que replica o romeiro:

"Ave! Estrella de la mar,
guía de los que navegan
los cuales a vos se entregan,
porque en este navegar
por muchas vías se ciegan" [43].

* * *

Por estas e outras muitas demonstrações (não excluindo as de ordem sobrenatural), que deu de seu grande conhecimento teórico e prático das coisas do mar e de seu carinhoso interêsse para com a vida e para com os homens do mar, queremos crer que nenhuma outra figura da História da Companhia ou da Igreja no Brasil está

[42] S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável,* l. I, c. IX, n. 5.
[43] Anchieta: *Poesias* (São Paulo, 1954), 524.

em condições de lhe disputar os títulos, mais que merecidos, de "Patrono dos navegantes", patrono dos pescadores, patrono da classe de todos os marítimos de um povo, de que foi êle o Apóstolo por excelência.

A respeito de suas viagens, eis o que, em síntese, apresenta Simão de Vasconcelos:

"Em tôdas as suas jornadas, que foram muitas e diferentes, seu cuidado era sòmente que não faltasse provisão para os companheiros. Para sua pessoa, além do breviário e papéis importantes a suas visitas, de nenhuma outra coisa curava, fiado (segundo seu costume) na providência do Senhor, a quem servia. O camarote que se lhe aprestava era do primeiro necessitado; sua perene assistência era no convés ou houvesse chuva ou sol, abrigado com qualquer roupão velho, vigiando e acudindo às obras do navio, como qualquer dos marinheiros, e tão dextro nelas que os admirava. Passava as noites em vigia e a mor parte em contemplação do Autor dos elementos, dos céus e das estrelas que dali lhe ficavam patentes e, nesta profunda consideração, depõem muitos que foi visto por várias vezes arrebatado e fora dos sentidos; algum espaço que gozava do sono era encostado ao bordo ou caixa de algum passageiro" [44].

Seu cuidado em favor dos navegantes se manifesta, entre outros fatos, no seguinte: estava de partida do Rio de Janeiro para Pernambuco um irmão da Companhia, aproveitando a viagem de uma nau mercante, destinada àquêle porto; preparando-lhe o despenseiro a matalotagem conveniente, interveio Anchieta, que a êsse tempo exercia, se não nos enganamos, o cargo de visitador das casas do Sul, que lhe dobrassem as rações—foi o aviso que deu—, já que dobrada seria a jornada que teria que fazer; e, com efeito, tangida pela fôrça dos ventos, não logrou a nau aferrar o Recife, indo tomar porto nas Antilhas [45].

---

[44] S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável*, l. IV, c. VI, n. 2.

[45] P. Rodrigues, S. J.: *Vida do Padre José, Anais*, XXIX, 259; S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável*, l. IV, c. X, n. 2.

A despedir-se de Anchieta, fôra ter ao Colégio da Bahia no ano de 1592, Antônio das Neves, de regresso a Portugal. Do eirado do Colégio, localizado o navio surto na baía de Todos os Santos, lançou-lhe o Padre José a sua bênção. Com êsse pequeno navio, navegaria de conserva outra embarcação maior. Insistiu o padre em querer certeza de que não era esta outra a condução do Neves. Aos riscos das tempestades marítimas, juntava-se na época outro perigo, que eram os corsários inimigos.

Bem maltratada por um temporal que lhe arrancou o leme, chegou a nau maior aos Açores, onde se refez. Mas no trajeto dai para o Reino veio a cair em poder dos piratas. Ao passo que o pequeno barco abençoado por Anchieta, em que velejaram Antônio das Neves e seu companheiro Manuel Francisco Pinto, conquanto atravessando algumas peripécias arriscadas, ancorou felizmente ileso no porto de Viana. À vista de uma poderosa nau de corsários, que os perseguiu, pouco antes de atingirem êsse porto, exclamava confiante Antônio das Neves: "Rememos, irmãos, que Deus nos há de levar a salvamento, por intercessão do Padre José, que lá fica rogando por nós" [46].

Por volta de 1610, navegava da capitania do Espírito Santo para Lisboa, mandado para Portugal, o Padre Manuel do Couto (Senior), que convivera com Anchieta e consigo levava então uma relíquia do grande missionário, falecido treze anos antes naquela capitania em odor de santidade. Ao norte da ilha de São Miguel dos Açores, foi o navio assaltado por perigosa tormenta. Perante o iminente risco de naufrágio, lembrou-se Couto da preciosa relíquia. Atando-a a uma linha, mergulhou-a nas águas encapeladas. Tanto bastou para que amainasse o temporal [47].

Não são êstes os únicos fatos, seja durante a sua vida, como depois de sua morte, a sugerir o poder de sua intercessão em favor dos homens do mar

[46] *Processo Apostólico de São Paulo,* 49 v.-50 v., Depoimento de Manuel Francisco Pinto. S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável,* l. IV, c. III, n. 11.

[47] S. de Vasconcelos: *Vida do Venerável,* l. VI, c. I, n. 14. Cf. S. Leite, S. J.: *História,* II, 451, nota.

Em janeiro de 1884, coroando larga missão popular em Ubatuba, antiga Iperui do voluntário cativeiro de Anchieta, promoveram os Padres Taddei e Giomini da Companhia de Jesus, que se erguesse na praia da velha cidade litorânea um cruzeiro comemorativo, em homenagem ao Apóstolo do Brasil. Dias mais tarde, pregando os missionários em São Luis do Paraitinga, o pároco de Ubatuba, Padre Manuel Macedo Vieira da Rosa, a fim de lhes trazer a seguinte informação, os procurava. Escreve o Padre José Giomini:

"A outra notícia foi uma espécie de prodígio do Venerável Padre Anchieta, semelhante àquêles que costumava fazer em vida. Aquêle ponto do mar, em cuja areia foi plantada a Cruz da Missão, era um lugar em que nunca se pescava, porque nunca lá apareciam peixes; tôda pesca se fazia no litoral longe da cidade, de modo que nesta havia muitas vezes falta de pescado. Apenas plantada a Cruz, porém, foi tamanha a abundância de peixes que se recolheu ai ao pé da Cruz, que tôda a cidade se fartou, bendizendo cada um a divina Providência por êste temporal socorro da pobreza aos habitantes de Ubatuba" [48].

Tornemos porém aos tempos coloniais, a recolher uma última notícia a respeito da nau da província. A 5 de dezembro do ano de 1759, aguardavam os jesuítas do Sul do Brasil, empilhados a bordo da nau "Livramento e São José", a viagem para o exílio, quando entrou na Guanabara a fragata da Companhia, que trazia do Norte para o Rio de Janeiro dezesseis religiosos. Não bem fundeara, que foi imediatamente apresada pelas autoridades e transferidos os jesuítas para a nau dos exilados.

"O Venerável Padre José de Anchieta, que foi também provincial do Brasil—consigna o Padre Caeiro—, servia-se de uma nau em tudo semelhante a esta, quando ia à visita dos colégios. E muitas vezes profetizou que nunca a nau da província viria a sofrer naufrágio. Na tempestade pombalina é que ela, ancorada no porto,

[48] G. Giomini, S. J., Lettera VI, *apud Lettere edificanti... della provincia romana* (Roma, 1884), 65.

veio a sossobrar para os jesuítas, havendo esta, em continuação das anteriores, percorrido as costas da América, durante mais de duzentos anos, não só incólume, mas, o que é mais, sem temer naufrágio" [49].

Sôbre as velas das pequenas embarcações de pesca ou de recreio, que enchem de vida e de beleza as pitorescas abras da orla marítima e volteiam pelas verdes ilhas do nosso litoral, sôbre os mastros dos navios mercantes, que ligam nossos portos entre si ou com as outras nações da terra, sôbre as torres dos vasos de guerra que defendem a soberania do pais, uns e outros a serviço da mesma civilização cristã, que com tamanho zelo e durante tantos anos contribuiu para que se implantasse nesta banda do oceano, de cujas mesmas águas emerge o seu arquipélago nativo—continua por certo a pairar a bênção taumaturga do Apóstolo do Brasil.

Como outrora, na penúria dos primeiros tempos da catequese americana, quando em Piratininga fundava Anchieta e seus companheiros o Colégio de São Paulo, o pano das velas dos galeões da Índia, roto nas travessias oceânicas, tingido no tijuco dos vales do planalto, lhes fornecia a humilde roupeta de missionários, assim possam hoje as velas simbólicas das esquadras, que cruzam pelo Atlântico, envolver na proteção de suas dobras, nas dobras de suas bandeiras, os valores impereciveis que Jesus Cristo veio oferecer à humanidade.

Para que nos seja garantida a perene liberdade de sua divina mensagem. A liberdade, por exemplo, de repetir com Anchieta: "Bendito o Senhor que manda ao vento e ao mar e lhe obedecem, para que sirvam aos homens que tão mal obedecem à sua Divina Majestade". Bendito para sempre Aquêle, a quem está sujeito êste universo, o mundo material com a energia de seus átomos, o mundo espiritual com a sua perpétua aspiração de beleza e de felicidade.

---

[49] José Caeiro, S. J.: *Jesuitas do Brasil e da Índia* (Bahia, 1936), 197. Introduzimos ligeiros retroques na tradução portuguêsa do texto latino dessa obra intitulada no original *De exilio provinciarum transmarinarum assistentiae lusitanae Societatis Jesu.*